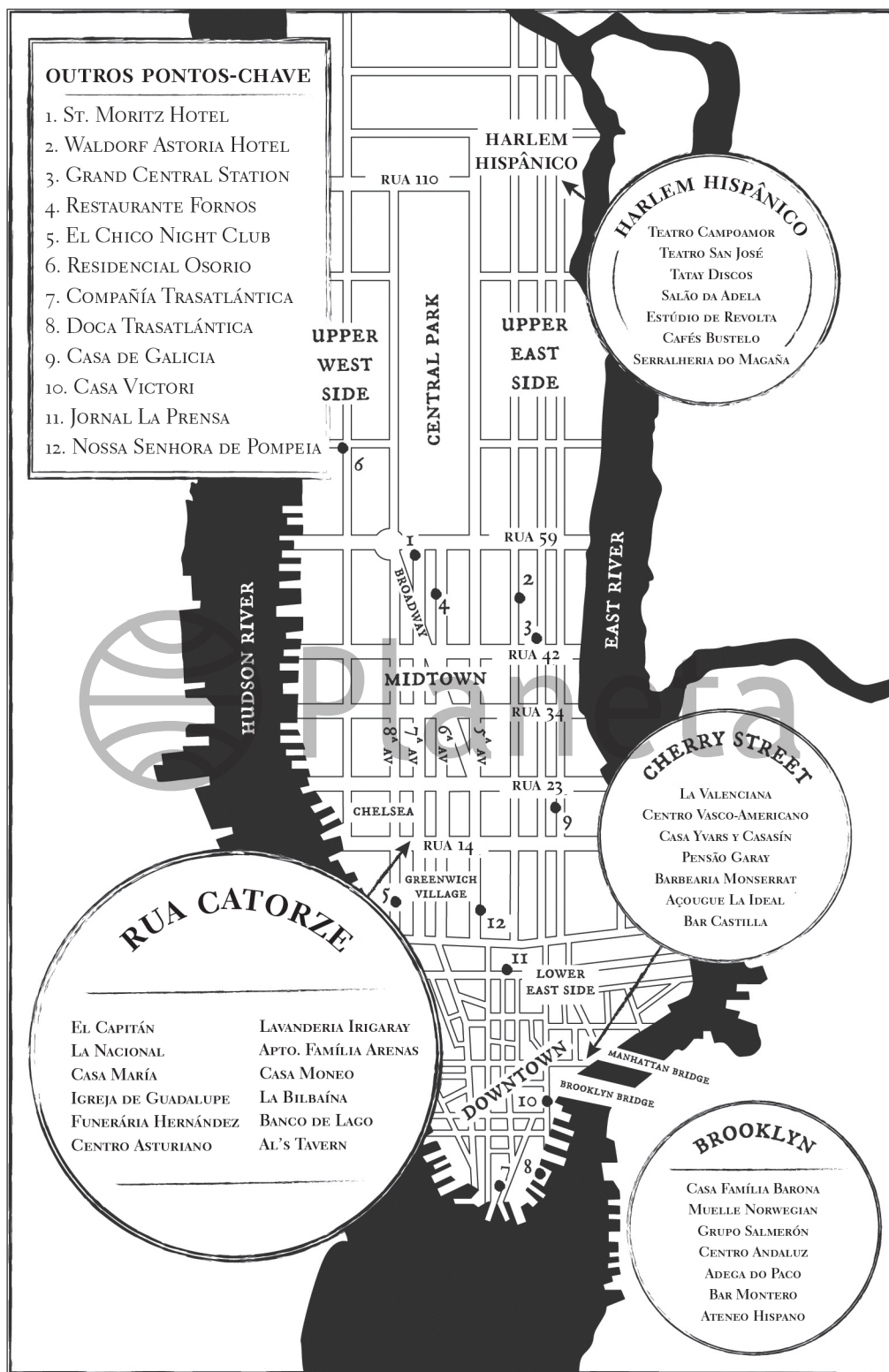


MARÍA DUEÑAS
AS FILHAS
• D O •
CAPITÃO

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



PRIMEIRA PARTE



ESPAÑA

REGRESE A SU TIERRA EN UNO DE SUS PROPIOS VAPORES.
BAJO SU BANDERA, EN LOS MAGNIFICOS Y RAPIDOS BUQUES

DE LA

COMPANIA TRASATLANTICA ESPAÑOLA

PROXIMAS SALIDAS

DIRECTO a VIGO, CORUÑA, GIJON, SANTANDER y BILBAO
Vapor "Cristóbal Colón", En. 15, Mar. 20, Mayo 20
Vapor "HABANA".....Febrero 20, Abril 20, Junio 20

Directo a Cádiz y Barcelona
Vapor "Marqués de Comillas"...Feb. 11, Abril 12
Vapor "MANUEL ARNUS".....Marzo 12, Mayo 12

PARA LA HABANA
Vapor "MARQUES DE COMILLAS".....Enero 28

ATENTO Y BUEN SERVICIO PARA TODAS LAS CLASES.
En el pasaje de Tercera está incluido el Billete de Ferrocarril desde el puerto
de desembarque hasta cualquier ciudad de España.

PIDA INFORMES A

SPANISH TRANSATLANTIC LINE
AGENCY, INC.
24 STATE STREET, NEW YORK
Teléfono: BOWling Green 9-5150
O A CUALQUIER OTRO AGENTE AUTORIZADO



C A P Í T U L O 1

Continuavam vestidas de preto dos pés à cabeça: os sapatos, as meias, os véus, os casacos. Atrás delas entrou um grupo de vizinhas, talvez pensassem que ainda não era conveniente deixá-las sozinhas. Uma pôs a cafeteira ao fogo, outra pousou em cima da mesa uma lata de biscoitos; em meio a murmúrios e palavras sussurradas, foram se amontoando na cozinha. Fizeram a mãe se sentar empurrando-a pelos ombros, e ela não demonstrou resistência. Victoria pegou algumas xícaras desparelhadas de um armário, Mona tirou o chapéu que lhe haviam emprestado, afundou os dedos entre os cabelos e coçou a cabeça, Luz se apoiou na borda da pia, chorando sem parar.

Haviam acabado de se despedir do pai, sepultado sob uma mistura de barro e neve no cemitério do Calvário no Queens: ali repousaria Emilio Arenas para sempre, cercado de ossos de gente que nunca falara sua língua e que jamais saberia que ele estava indo embora deste mundo no momento mais inoportuno. Na realidade, quase todos os momentos costumam ser bem pouco convenientes para morrer, mas quando se morria aos cinquenta e dois anos, separado de sua terra por um oceano e deixando para trás uma família desarraigada, um negócio medíocre recém-aberto e algumas dívidas a pagar, a situação se tornava ainda mais cinza.

Nem sua mulher nem nenhuma de suas três filhas teria sido capaz de recompor, de uma maneira ordenada, como haviam se sucedido os fatos desde que um dos rapazes da rua subiu a passos largos os degraus até o quarto andar e socou a porta com os punhos. A notícia havia corrido como fogo: um acidente, repetiam as vozes. Um acontecimento lamentável. O *Marqués de Comillas* estava sendo descarregado nos cais do East River quando um gancho mal preso provocara a queda de uma rede cheia de pacotes. Uma desgraça, insistiam. Um infortúnio atroz.

Fatal head trauma, era o que dizia o relatório médico que andava pela casa, meio amassado, perto do aquecedor a querosene. Nenhuma delas o

havia lido. Se houvessem tentado, também não teriam entendido nada: estava redigido em um inglês indecifrável, cheio de formalismos e termos médicos. Região frontoparietal direita, fratura com perda de massa cranio-encefálica, infiltração hemorrágica. Mesmo se houvesse sido escrito no idioma delas, só teriam conseguido captar duas palavras: necessariamente fatal. E a mãe, nem isso; não sabia ler.

A partir desse instante, na memória delas ficou gravada uma sucessão de lampejos soltos. Elas correndo escada abaixo atrás do rapaz e depois, apressadas, para a La Nacional, onde a notícia foi recebida. As pessoas que as olhavam das janelas e calçadas, um veículo da autoridade portuária que freou ao lado delas cantando os pneus, o homem de uniforme que saiu acompanhado de um trabalhador espanhol e insistiu para que entrassem no carro. As ruas através das janelas e o balanço rumo ao Lower East Side, as fachadas pelas quais ziguezagueavam as escadas de incêndio, os transeuntes que se moviam precipitados e atravessavam as ruas desordenadamente. Quando chegaram à doca oito da Traslântica, o médico calvo que as recebeu naquele quarto que fazia as vezes de enfermaria e o movimento de seus lábios sob um bigode cinzento tingido de nicotina, as palavras que ele soltou no ar e que elas não compreenderam. Os homens de cenho franzido parados atrás delas, o corpo sobre a maca coberto por um lençol, um balde de metal transbordando de gazes cheias de sangue grosso e escuro. A mãe desesperada, as filhas arrasadas. A volta para casa sem ele.

A partir de então, as imagens continuavam se amontoando, mas com uma cadência mais lenta: o caixão que levaram ao apartamento depois de algumas horas, que por pouco não ficara entalado nas curvas estreitas dos patamares, os círios e os buquês de flores sobre pedestais polidos, grandes e incongruentes, que chegaram da funerária sem que nenhuma delas os houvesse pedido. A porta aberta, as pessoas entrando e murmurando pêsames com sotaque galego, asturiano, caribenho, basco, italiano, grego, irlandês, andaluz. Homens que baixavam o olhar com respeito enquanto tiravam o boné, a boina ou o chapéu; mulheres que lhes beijavam as faces e apertavam as mãos. Mais lágrimas, mais lenços, pigarros e vozes que rezavam no fundo do corredor, onde havia sido instalada a caixa com o cadáver estropiado, sobre um par de cavaletes. Até que começou a amanhecer.

Voaram as horas no novo dia, chegou o traslado para um cemitério longe de Manhattan, a descida à cova, as pás de terra sobre a madeira do tampo, a enorme coroa de cravos com uma faixa atravessada que alguém encomendara no nome delas sem perguntar: SUA ESPOSA E SUAS FILHAS

NÃO O ESQUECEM. O funeral, os vibrantes soluços de Luz em meio ao silêncio do resto, o adeus. Caiu outra vez a noite com um alvoroço de luzes, sensações e sons dançando enlouquecidos na cabeça delas, e já estavam de volta, desejando que todo mundo fosse embora e as deixasse em paz. A movimentação foi diminuindo à medida que se aproximava a hora do jantar, no balcão da cozinha ficou o que cada um lhes pôde oferecer com seus poucos recursos e sua melhor intenção: uma panela de almôndegas, uma *moussaka*, uma torta de carne, uma leiteira de estanho cheia de caldo de galinha.

Por fim, ficaram só as quatro para encarar a realidade. Ainda sem ânimo para compartilhar seus pensamentos, as filhas começaram a fazer as coisas sem trocar uma palavra: abriram torneiras e gavetas, puseram a mesa com a parca louça do dia a dia. A mãe, entretanto, fungava pela enésima vez e passava o lenço amarrotado pelos olhos vermelhos.

Mastigaram em silêncio, sem erguer os olhos, sem outro som que não fosse o chocar das colheres contra a louça. E depois, quando não restavam nos pratos mais que miolos de maçãs e pontas de pão, Mona, a mais pragmática, levantou os olhos e disse em voz alta o que o bairro inteiro se perguntava desde que se soubera que o baú de um viajante anônimo havia rachado a cabeça de Emilio Arenas, vulgo O Capitão.

— E agora, o que vamos fazer?

C A P Í T U L O 2

A mãe deu um soco na mesa com um golpe derrotado. Apoiou os cotovelos, escondeu o rosto atrás dos dedos ossudos e começou a chorar outra vez.

Desde que conhecera Emilio em uma celebração das Cruces de Mayo, vinte e cinco anos atrás, eles nunca haviam convivido plenamente, mas sim por temporadas. Quando ele desembarcava em Málaga sem aviso prévio a cada ano e meio ou dois, ficava uns meses e a engravidava, e depois, assim que ela começava a construir fantasias sobre a possibilidade de se tornarem uma família normal, como as demais pessoas da vizinhança, ele começava a se sentir sufocado e outra vez era dominado por seu indômito desejo de ganhar a vida partindo do nada, como se não houvesse ontem. Então, ele arrumava sua trouxa, e uma madrugada qualquer, depois de distribuir um monte de beijos na testa adormecida das crianças e fazer algumas promessas imprecisas a sua mulher, partia rumo às docas de novo, em busca de qualquer barco que o levasse à etapa seguinte de seu incerto porvir.

Estivador nos portos de Marselha e Barcelona, garçom na praça Independência de Montevidéu, vendedor de rua em Manila, auxiliar de cozinha em um cargueiro holandês. Sabia entalhar madeira e tocava violão com graça, imitava vozes, previa tempestades e fazia como ninguém uma macarronada. Tinha a pele rachada como barro seco, testa larga, ossos finos e cabelos que haviam sido pretos e que começavam a rarear, formando entradas. Tinha conhecidos por metade do planeta; em poucos rincões lhe faltava alguém disposto a lhe dar uns tapinhas cordiais nas costas ou a lhe oferecer um copo de rum, de ouzo, de pisco, de vinho. Mas, no fim do dia, ele preferia se afastar do rebuliço e quase sempre caminhava sozinho, fumando calado sob as estrelas.

Sua mulher, de personalidade pacata, suportava suas ausências com mansidão e suspiros; suas três filhas – as que sobreviveram de sete gestações e quatro partos – adoravam suas voltas, carregado de presentes inúteis:

um punhal africano, maracas crioulas, a pele de algum animal; nunca o fizeram ver que bem melhor seria uma manta ou um par de sapatos. E sua sogra, Mama Pepa – que havia parido dez filhos de um marido alcoólatra e violento, e que acolhia sob seu teto a prole desamparada que ele deixava a sua sorte –, passava o dia dizendo a quem quisesse ouvir que o homem de sua filha Remedios era um irresponsável da pior espécie.

Indiferente aos comentários da velha e às súplicas de sua mulher para que voltasse ou pelo menos se estabelecesse em algum lugar, depois de fugir de um rebocador do canal do Panamá, Emilio Arenas havia ido parar em Nova York no início de 1929, poucos meses antes da quebra da bolsa e do início da Grande Depressão. E embora os anos seguintes houvessem sido amargos e duros para o país inteiro, de uma maneira ou de outra ele se virou para que nunca lhe faltasse trabalho aqui ou lá: podia tanto descarregar navios mercantes quanto estripar peixes no mercado de Fulton, ou empurrar pelos paralelepípedos de Downtown – a parte baixa da cidade – um carrinho de mão durante o tempo que substituiu outro compatriota no armazém Casa Victori, na Pearl Street.

Até que os anos e as sequelas de sua vida errante começaram a desgastá-lo devagar, como uma faca de serra sobre uma tábua: sem ímpeto avassalador, mas sem nenhuma sombra de misericórdia nem de volta atrás. Tinha dor nas costas, tosse rouca, não enxergava bem de perto, notava que estava perdendo vigor para determinados trabalhos. E, pela primeira vez em sua existência agitada, a ideia de voltar a sua vida errante e partir de novo lhe causava uma estranha sensação de apatia.

Paralelamente a esse desgaste físico, algo novo foi lhe acontecendo por dentro também. Ele, que sempre havia sido um verso solto, um tiro no ar, indiferente aos deuses, aos hinos e às bandeiras, de uma forma inconsciente ia pouco a pouco se concentrando em um entorno cada vez mais próximo: voltando para o núcleo daqueles que falavam com suas mesmas palavras e procediam de um mapa em comum, apoiando-se naquela colônia de seres com quem compartilhava aquilo que os melancólicos chamavam de pátria.

Provavelmente a culpa era do fato de ele haver alugado um quarto na área da Cherry Street, o mais antigo assentamento de espanhóis da cidade. Ali, no extremo sudeste da ilha de Manhattan, em frente ao *waterfront*, ao lado das docas, sob o ruído estrepitoso do arranque da ponte do Brooklyn, concentravam-se desde o final do século passado vários milhares de almas procedentes do mesmo recanto do globo. No início, eram especialmente gente do mar: foguistas e engraxadores, cozinheiros, estivadores, meros buscadores

de incertas fortunas e montes de simples marinheiros que embarcavam e desembarcavam em um constante vaivém. A colônia depois foi crescendo e diversificando ocupações, chegaram parentes, conterrâneos, cada vez mais mulheres, até famílias inteiras que se amontoaram em apartamentos baratos pelas ruas próximas: Water, Catherine, Monroe, Roosevelt, Oliver, James...

No La Ideal compravam chuletas, moela e morcela; o polvo encontravam no Chacón; para o sabonete, o tabaco e os ternos iam a Casa Yvars e Casasín; para os remédios, a Farmacia Española. Os tragos e o café tomavam no bar Castilla, no café Galicia ou no El Chorrito, onde o dono, o catalão Sebastián Estrada, atendia a todos com seus mais de cem quilos de energia contagiosa e os fazia recordar, dia sim e o outro também, que a grande Raquel Meller era cliente assídua toda vez que punha os pés na cidade. O Círculo Valenciano, o Centro Vasco-Americano e algumas sociedades locais galegas tinham suas sedes por ali; havia alfaiates, barbearias, pensões e mercearias, como Llana ou La Competidora Española, onde se podia comprar grão-de-bico, feijão e páprica. Havia, enfim, entrelaçando as idiossincrasias regionais, uma calorosa sensação de comunidade.

Nesse ambiente, na primavera de 1935, Emilio Arenas encontrou seu enésimo emprego: no La Valenciana, um lugar na esquina da Cherry com a Catherine que se anunciava como hotel, mas que, na realidade, se tratava de algo infinitamente mais flexível e eficiente. Uma multidão de imigrantes espanhóis havia desembarcado em Nova York com essa única referência retida na memória ou anotada com mão torpe em um pedaço de papel: La Valenciana, 45 Cherry Street. O andar superior era ocupado pelos quartos de hospedagem, no primeiro havia um refeitório, e no térreo, a loja com tudo que os trabalhadores da zona portuária poderiam necessitar para suas tarefas cotidianas, desde botas de couro até roupa íntima para o frio, luvas e casacos de pele. A pedido de qualquer interessado, o proprietário da casa atuava também como intérprete, intermediava na compra de passagens de navio ou transportava dinheiro através do oceano. E para benefício coletivo, em um painel pendurado na parede, diariamente, eram espetadas com tachinhas as ofertas de emprego da região, e em uma grande caixa de charutos cubanos vazia, como uma humilde e espontânea agência de correios, guardava-se a correspondência procedente da Península para que os homens de vida itinerante, sem amarras nem domicílio fixo, fossem recolhê-la de tempos em tempos para saber dos seus do outro lado do mar.

As tarefas de Emilio Arenas eram maleáveis, tanto atendia atrás do balcão quanto ajudava na cozinha, reforçava a cota de garçons ou fazia coisas e

trâmites na rua. E foi enquanto trabalhava, um dia qualquer, que escutou os fragmentos de uma conversa que haveria de desviar o rumo de seu futuro.

Os dois homens estavam sentados frente a frente em um canto do refeitório vazio, ainda era de manhã. À esquerda, Paco Sendra, o dono do negócio: alicantino de Orba, um dos tantos daquelas terras da Marina Alta que chegaram à América nas primeiras décadas do século. À direita, um homem de idade avançada e cabelos grisalhos, ombros caídos, que Emilio não conhecia. Esse era o que mantinha o fio da conversa, com sotaque nortista; em sua fala se misturava a frieza de alguém que expõe números e contas com o relato sincero de um imigrante desgastado pela distância, pelo tempo e pela solidão. Muitos anos, muita luta, Emilio o ouviu dizer enquanto lhes servia copos de vinho e umas rodela de *butifarra*. A família, as economias, as ausências, escutou ao enchê-los de novo. Já ia se afastando quando chegaram a seus ouvidos mais algumas palavras soltas. Fechar o negócio. Voltar.

Vinte minutos depois, enquanto colocava umas caixas de fósforo em sua prateleira correspondente, observou de soslaio os dois que se aproximavam da saída. Trocaram um aperto de mão, e Sendra deu uns tapinhas no braço do desconhecido.

— Boa sorte, Venancio. Vá com Deus.

C A P Í T U L O 3

Emilio Arenas aproveitou que ainda não havia começado a agitação da hora do almoço e abandonou discretamente seus afazeres. Ainda com o avental amarrado na cintura, enquanto enfiava os braços pelas mangas do casaco, seguiu as costas cansadas do homem até o cruzamento com a New Chambers, à altura da barbearia da Monserrat.

— Ei, amigo!

O desconhecido se virou.

— Não teve jeito, não é?

Na realidade, faltavam-lhe quase todos os dados, mas ele captara algo no ar e estava se deixando levar pela mais nua intuição. Aquele sujeito estava prestes a encerrar uma etapa de sua existência e ele, pela primeira vez na vida, andava pensando que seria conveniente não dar mais solavancos e se assentar. E entre os dois extremos, de um indivíduo que ansiava se afastar e outro que buscava sua estabilidade, havia algo que ele desconhecia: aquilo que o homem havia oferecido a Sendra, e que este não havia aceitado, e que talvez lhe pudesse servir.

Por isso, perguntou sem rodeios. E o outro, com idêntica franqueza, respondeu.

— Estou procurando um comprador para o mobiliário usado de uma taberna. Mesas, cadeiras, banquinhos. E utensílios: pratos, talheres, toalhas de mesa, panelas, caçarolas. Ando perguntando a todas as pessoas da colônia que se dedicam a esse negócio. O preço é bom. Por acaso lhe interessa?

Caminharam compassados em direção noroeste, relatando um ao outro superficialmente sua respectiva vida enquanto percorriam a Bowery e a Canal Street, atravessando as zonas abarrotadas dos chineses e italianos, fervedouros de almas que se amontoavam para subsistir em estreitos *tenements*, modestíssimos cortiços de apartamentos de aluguel.

— E você, Venancio, há quanto tempo está aqui?

— Cheguei quando perdemos Cuba, depois, um verão, voltei para minha aldeia, casei com a namorada, trouxe-a para cá e abrimos o negócio juntos. Trabalhamos sem trégua, conseguimos sobreviver. Mas eu enfiuei há nove anos, e meu filho mais velho foi para o Harlem porque se casou com uma dominicana, e o mais novo se tornou representante de lâminas de barbear, e agora atravessa New Jersey carregando apenas maleta pela cidade.

Nada mais o ligava a seu distante povoado cantábrico, apenas a nostalgia de juventude e uma irmã solteira meio cega. E, ainda assim, depois de quase quarenta anos de ausência, ele achava que era hora de fechar um ciclo. Então, pousou uma manzorra no ombro esquerdo de Emilio: a mão rude de um trabalhador que já não tinha forças no corpo nem ambições a realizar.

— É hora de voltar para casa, mesmo que seja só para ver aqueles prados pela última vez.

Continuaram andando até chegar a um pedaço de asfalto que, com outros nomes e outros rostos, também exalava um pulso familiar: a rua Catorte, no trecho entre a Sétima e a Oitava avenida, formando uma dobradiça entre Chelsea ao norte e o West Village ao sul. Ali se assentava outro núcleo de compatriotas; talvez não formassem um enclave tão compacto quanto o da Cherry Street e arredores, mas notava-se sua existência evidente nos letreiros de alguns comércios, nas vozes altas de umas rodinhas de gente, nas saudações trocadas, nos gritos das mães chamando seus filhos das janelas e no aspecto inconfundível de alguns idosos que fumavam em silêncio sentados nos degraus da entrada dos edifícios.

Essa não era uma área desconhecida para Emilio Arenas; desde que, como tantos compatriotas, fora se inscrever na La Nacional, ele estivera por ali muitas vezes entregando pedidos ou comparecendo a algum evento. No entanto, nunca havia entrado no local em cuja porta pararam os dois.

— E isto — anunciou o homem — é o que tenho a lhe oferecer.

Uma pequena taberna subterrânea situada na Oitava avenida, no porão de um edifício vulgar de três andares sem brilho nem atrativo aparente. Sem o menor sinal externo de nada promissor.

Foi claramente uma temeridade tomar uma decisão assim em uma terça-feira qualquer, parados ambos em frente à fachada com as mãos nos bolsos, mas a opção de Emilio era totalmente coerente com sua trajetória e sua habitual maneira de proceder. Deixar-se nas mãos de Deus, aportar onde menos se esperava, mudar de ofício, levantar âncoras, estabelecer-se de novo. Essa sempre fora sua tendência: deixar-se levar pelo que a vida pusesse a sua frente, sem vontade, sem critério, até que o vento soprasse

em outra direção. E naquele dia de início de novembro de 1935, uma correnteza imprevista o havia levado até a rua Catorze, com aquele pressentimento dentro de si, chegou ao lugar cravado entre duas grandes avenidas da imensa Nova York.

Sem pensar duas vezes nem se conceder um tempo prudencial para analisar a viabilidade do negócio, em um puro arroubo carente da mínima reflexão, Emilio Arenas decidiu não só ficar com o mobiliário e os utensílios de seu velho compatriota, como também dar prosseguimento ao negócio. Nessa mesma tarde falou com a dona do imóvel, uma viúva holandesa da Horatio Street, ali próximo; entenderam-se medianamente e concordaram em manter o preço do aluguel. Ele havia economizado um pouco no tempo que passara sem voltar para Málaga: com isso, poderia comprar as coisas de Venancio Alonso e pagar o aluguel do primeiro mês.

Moraria no depósito dos fundos, pensou, para economizar o custo da hospedagem na pensão Garay, na Cherry Street; caberia uma cama ali, não precisava de mais. Duplicaria as horas de trabalho no La Valenciana e, ao mesmo tempo, com suas próprias mãos tiraria o local de seu estado lamentável. Seria necessário raspar tetos e paredes, rebocar a fachada, um pouco de alvenaria, arrumar torneiras, pintar. E quando tudo estivesse pronto, ele mesmo se encarregaria de ir toda madrugada comprar peixe no mercado de Fulton, onde trabalhara um tempo; ainda mantinha contatos lá para conseguir um produto barato. Depois, cozinhar no estilo de sua terra e o mesclaria a outros sabores e maneiras que bem ou mal havia aprendido aqui e ali. Serviria almoço e jantar para a gente do bairro a preços modestos, poria um balcão em uma lateral... Tudo passou diante de seus olhos em uma sequência inconsistente, até que a voz rouca do velho interrompeu suas fantasias.

— Eu acho que o nome você deveria mudar.

Emilio Arenas fixou os olhos no letreiro. Ou melhor, no que restava dele. EL CA... A partir daí, as demais letras estavam caídas, em consonância com a alma do negócio.

— Um vendaval as arrancou, há dois invernos, e nunca mais arrumei — explicou o proprietário, dando de ombros. — Até então, dizia El Cántabro, que é como me chamam por aqui. Mas receio que com você, com esse seu sotaque andaluz, o nome não vai combinar.

Verdade, pensou Emilio. Se optasse por seguir o costume, o natural seria chamá-lo El Malagueño, mas ele também não tinha um particular desejo de um protagonismo tão evidente. Poderia ser, talvez, El Calamar, e assim aproveitaria as poucas letras iniciais que ainda estavam intactas. Ou El Ca-

nasto, ou talvez El Cacique. Mas, pensando bem, esses nomes eram tão estranhos para ele como esse El Cántabro remoto no qual jamais havia pisado.

—...El Ca, Ca, Ca — murmurava. E, então, surgiu-lhe na cabeça um nome forte para um projeto atraente: algo que ele nunca chegou a ser porque jamais pôs a menor ambição em nenhum de seus empenhos. Mas, agora sim. Pela primeira vez havia se empenhado em uma projeção rumo a algo melhor, superior. E, por isso, ele, que nunca precisou de comando ou hierarquia, decidiu chamá-lo El Capitán, sem imaginar que esse seria o apelido pelo qual começaria a ser conhecido no bairro a partir de então.

Foi como seu propósito começou a girar, enquanto um Emilio desconhecido emergia com um brio desmedido, indiferente ao cansaço e aos desalentos. E assim foi atravessando o outono do ano de 1935, com energia renovada, como um quebra-gelo, trabalhando catorze horas por dia, o tempo todo correndo entre seu mundo novo, na rua Catorze, e o velho, na Lower East Side.

Até que em um daqueles dias, talvez no meio de uma tempestade ou de uma angustiante calmaria indolente, quem sabe, duas cartas se cruzaram em algum ponto impreciso do Atlântico: aquela que, com alguns erros de ortografia, Emilio Arenas escreveu para sua mulher, e a que ela, analfabeta, ditara a uma vizinha para que chegasse a ele.

Talvez, inclusive, ainda separados pela imensidão de um oceano, as tenham aberto ao mesmo tempo.

Tenho boas notícias, Remedios, dizia ele otimista na carta que partiu de Nova York dentro de uma saca.[...]Vou me assentar, como você sempre quis.[...]Vou trabalhar dia e noite.[...]Economizar.[...]Voltarei quando chegar a hora[...].

Tenho más notícias, Emilio, dizia ela, multiplicando seu habitual pessimismo naquelas folhas que singraram as ondas no sentido contrário, franqueadas por selos da República Espanhola.[...]Mama Pepa morreu e estamos sendo despejadas.[...]Não temos aonde ir.[...]Está cada vez mais difícil criar suas filhas.[...]São mulheres já, cresceram sem norte, não estão no bom caminho.[...]Não esqueça que você tem responsabilidade nisso.

Ele estava entrando no La Valenciana quando terminou a leitura das últimas frases, ainda estava com o boné na cabeça. Tirou-o devagar, coçou a cabeça cravando forte as unhas sujas. E, com as novidades ainda quentes amassadas na mão, foi até o balcão e disse:

— Senhor Sendra, preciso de quatro passagens, por favor, peça a dom Valentín Aguirre. Mas que fique claro que não sei nem como nem quando poderei pagá-las.